

As transformações urbanas do Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto (1881-1922)

*Urban transformations in Rio de Janeiro according to Lima Barreto's
chronicles (1881-1922)*

Carlos Mário Paes Camacho¹

Resumo:

O presente artigo tem a intenção de explicar a importância das crônicas de Lima Barreto (1888-1922) para a compreensão das transformações urbanas do Rio de Janeiro no início da República. O primeiro objetivo do texto consiste em situar o lugar do escritor fluminense em uma cidade em tempos de mudanças drásticas, que afetaram o cotidiano de homens e mulheres, sobretudo aqueles oriundos das camadas populares. O segundo pretende oferecer uma reflexão a respeito do cronista e da sua crônica como meio de compreensão em tempos de mudanças que remodelaram a fisionomia geográfica da cidade. A metodologia tem como base a investigação de seis crônicas publicadas entre 1911 e 1921, a fim de atingir os objetivos mencionados. Por isso, o texto ambiciona contribuir com as reflexões a respeito da linguagem literária, para se pensar a Primeira República (1889-1930) e o então Distrito Federal, propiciando um diálogo entre a memória literária e a história.

Palavras-chave: Literatura e história; crônicas; Lima Barreto; Rio de Janeiro; transformações urbanas.

Abstract:

This article intends to explain the importance of the chronicles of Lima Barreto (1888-1922) for the understanding of urban transformations in Rio de Janeiro at the beginning of the Republic. The first objective of the text is to situate the place of the writer from Rio de Janeiro in a city in times of drastic changes, which affected the daily lives of men and women, especially those from the lower classes. The second intends to offer a reflection on the chronicler and his chronicle as a means of understanding in times of changes that have reshaped the geographical physiognomy of the city. The methodology is based on the investigation of six chronicles published between 1911 and 1921, in order to achieve the aforementioned objectives. Therefore, the text aims to contribute to reflections on literary language, to think about the First Republic (1889-1930) and then Federal District, providing a dialogue between literary memory and history.

Keywords: Literature and history; chronicles; Lima Barreto; Rio de Janeiro; urban transformations.

¹ Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Pós-Doutorando pela Casa de Rui de Barbosa na Linha de Pesquisa Memória e Informação sob a supervisão da Professora Doutora Eliane Vasconcellos. Orcid: 0000-0002 6356-0350.

1 Introdução

A literatura brasileira produzida no final dos anos de mil e novecentos e no limiar do século vinte vem recebendo atenção de muitos pesquisadores das ciências humanas. Tais pesquisas elegeram, em especial, os escritores que, de uma maneira geral, representaram em suas crônicas, contos e romances as transformações urbanas que impactaram o cotidiano do Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

A obra de Lima Barreto, ao longo dos anos, vem recebendo dedicação especial dos estudiosos. E, de um modo geral, as inúmeras pesquisas que compõem a fortuna crítica sobre o escritor parecem convergir para um mesmo ponto. Aquelas que têm como objeto de estudo as crônicas de Lima Barreto revelam que o escritor estava bem sintonizado com as questões do seu tempo.

O presente trabalho faz um estudo de seis crônicas, publicadas entre 1911 e 1921, e procura demonstrar que as mensagens ali contidas favoreceram a compreensão das percepções da sociedade fluminense a respeito do Estado e dos poderes políticos e administrativos republicanos no Rio de Janeiro da Primeira República, em um momento em que cidade passava por grandes transformações urbanas, que impactaram o dia a dia da população fluminense. O artigo intenciona, outrossim, registrar a vitalidade da crônica para a compreensão do processo histórico da antiga capital da República.

A hipótese defendida aqui se fundamenta na ideia de que as crônicas limianas representam as transformações urbanas como afinadas aos interesses do poder público e da burguesia fluminense, representante do capital financeiro e especulativo. O argumento central encontra-se na ideia de que Lima Barreto expressou, em suas crônicas, o cotidiano de uma sociedade capitalista, burguesa e de classes, que estava em construção na capital fluminense desde o final do século XIX.

2 Lima Barreto e o Rio de Janeiro em tempos de mudanças urbanas

A cidade tornou-se o grande palco da sociedade burguesa e do capitalismo. O desenvolvimento industrial, tecnológico e científico criou novos espaços urbanos, marcados por expressivos contrastes sociais, atestados pela opulência material e miséria social. O mundo das máquinas gerou o tempo útil do trabalho (DE DECCA, 1985, p. 15). O ritmo de vida e o cotidiano de homens e mulheres passam ser ditados pela produção de mercadorias. Escritores

como Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) transformaram o Rio de Janeiro e a sua população nos seus grandes personagens da sua obra literária.

O Rio, nos primórdios do século XX, emerge como o mais importante centro urbano do Brasil. As atenções políticas, econômicas, sociais e culturais se voltavam para a capital da República. A cidade ocupava posição de destaque no comércio de exportação e importação. A cidade passou por uma expressiva transformação demográfica e urbana nos primeiros tempos do novo regime; não obstante, elas já vinham ocorrendo no final do século XIX. Em 1906, a população quase dobrou, chegando ao número de 811.443 habitantes (CHALHOUB, 1986, p. 24). O crescimento da população fluminense se deveu a dois fatores: a grande migração de ex-escravos das zonas cafeeiras e o aumento da imigração estrangeira, em especial a portuguesa (CARVALHO, 1987, p. 26). A partir do início do século XX, ocorreram transformações drásticas na geografia urbana da capital federal, sobretudo a partir do governo Rodrigues Alves (1902-1906).

Ao assumir a presidência da República da República em novembro de 1902, Alves priorizou duas ações em relação ao Rio: a reforma e o saneamento urbano, que teve como corolário uma grande campanha em favor do combate a doenças endêmicas e da higienização da cidade. O engenheiro e prefeito Francisco Pereira Passos constituiu uma equipe de técnicos, que foram responsáveis pela execução do projeto² (ROCHA, 1995, p. 58). Passos nomeou e forneceu amplos poderes ao médico e sanitarista Oswaldo Cruz, para que ele executasse uma reforma sanitária que estivesse em consonância com os objetivos das reformas urbanas, as quais eram associadas ao progresso e à civilização³. Abreu (2008) representou um exemplo típico de intervenção do estado acerca do espaço geográfico urbano. As reformas urbanas de um lado beneficiaram a burguesia fluminense, em especial aos que se dedicavam à especulação urbana, e de outro, a maioria da população foi penalizada, arcando com os ônus da modernização urbana. A sociedade civil tornou-se cada vez mais hostil aos governantes do Rio de Janeiro no decorrer da Primeira República (1889-1930). A obra literária de Lima Barreto apresenta a

² Pereira Passos, que ingressou na carreira diplomática e trabalhou em Paris (1857-1860), entrou em contato com engenheiros franceses, frequentando cursos e se dedicando aos estudos de arquitetura e de construção de portos. Passos viu Hausmaan transformar o centro de Paris, eliminando as ruas estreitas e tortuosas que se constituíram como cenários para as jornadas revolucionárias desde 1789. Por isso, do ponto de vista político, as reformas empreendidas em Paris tiveram como objetivo central o controle sobre o espaço urbano parisiense. Ao voltar para o Brasil, trabalhou na construção de ferrovias.

³ Paralelamente às reformas urbanas, o governo Rodrigues Alves iniciou uma intensa campanha para a erradicação da varíola no Rio de Janeiro. Oswaldo Cruz (1872-1917), sanitarista que até então exercia o cargo de diretor seroterápico de Manguinhos, e era reconhecido fora e dentro do Brasil como um grande bacteriologista, foi escolhido para coordenar campanhas e ações para o combate da varíola. Ao longo da campanha, o alvo preferido das ações foram as áreas mais pobres e densamente povoadas da cidade.

cidade em que vivia como palco de contradições políticas, econômicas, sociais e culturais. A obra construída pelo escritor fluminense abrangeu todos os grupos sociais, que se deslocavam nas várias partes da cidade.

FIGURA 1 - Inauguração da Avenida Central. Desfile Militar.



Fonte: Foto Malta. 15-11-1905. AGCRJ.

Este texto se abrirá, em seguida, para uma breve reflexão acerca de Lima Barreto como cronista e, posteriormente, para o estudo de crônicas que tratam de temas que dizem respeito ao impacto das transformações urbanas sobre o cotidiano dos cidadãos fluminenses.

3 As crônicas limianas

3.1. Lima Barreto como cronista

Em *O Destino da literatura*, o escritor fluminense propõe uma pergunta: “Em que pode a literatura ou a arte contribuir para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade

enfim?” (BARRETO, 1961, p. 55). A indagação permite vislumbrar como o autor definia e concebia o ofício ao qual tinha dedicado a sua vida, na sua relação com a sociedade.

A representação da crônica como uma escrita literária inevitavelmente ocupa-se das relações entre a Literatura e a História, pois, no olho do cronista está implícito também o olhar do historiador. Conforme Margarida de Souza Neves, há nos cronistas de todas as épocas a ambição de “condensar na letra o tempo vivido” (NEVES, 1995, p. 17). A crônica, portanto, ao se identificar com as efemeridades do cotidiano, registra igualmente o tempo construído pelos seres humanos. O cronista, desse modo, resgata o indivíduo em suas experiências singulares, aspecto muitas vezes preterido pelo estudioso.

As crônicas constituem-se como um meio importante para a compreensão da Literatura enquanto caminho para se desvelar o processo histórico literário e histórico da cidade do Rio de Janeiro. Esta, na condição de centro político, administrativo, econômico e cultural do Brasil, atraiu a atenção de muitos observadores. No século XIX e na Primeira República (1889-1930), a crônica angariou prestígio entre os escritores, que teceram temas a respeito de um tempo assinalado por mudanças urbanas que, conforme já dito, beneficiaram a burguesia fluminense em detrimento aos setores populares marginalizados. Isso em um contexto que tinha como referência a *Belle Époque*. Needell (1993) registra que Olavo Bilac (1865-1918), provavelmente o maior escritor parnasiano da época, representava a influência cultural francesa na cidade.

Vasconcellos (1992) reconhece Lima Barreto como um grande escritor dos primeiros tempos da República, cujas crônicas foram publicadas em jornais e revistas da época e despertam até hoje o interesse dos estudiosos da Literatura e da História. Schwarcz (2017) lembra da crônica “Literatura militante”, publicada em 1918, na qual havia uma crítica ao contexto literário e a muitos escritores da época, que estavam afinados aos padrões estéticos e gramaticais da *Belle Époque*. Por intermédio da obra limiana, o público leitor teve acesso a uma série de temas que expunham questões e problemas do Brasil.

As representações que Afonso Henriques de Lima Barreto fez das intervenções urbanas sinalizam de modo peremptório a preocupação do escritor quanto aos rumos da cidade nos primórdios da República. Há nas crônicas limianas uma preocupação recorrente com desfiguração urbana da cidade, que comprometia a preservação da história do Rio de Janeiro. O escritor alertava para a especulação financeira capitalista patrocinada pela burguesia da época, em associação com o poder público. Noções como civilização e progresso eram

utilizadas pelo poder político e por uma parte dos escritores, que saudavam os novos tempos, não raro com muita euforia.

Sevcenko (1997) atribui ao escritor a condição de crítico das ações governamentais que transformaram o espaço urbano fluminense. A geografia da cidade, marcada por morros e florestas que caracterizaram o Rio antigo, foi cotejada ao Rio que se urbanizava e alimentou a especulação imobiliária. Figueiredo (1997) diz que, ao contrário de muitos escritores, o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) não se empolgou com as promessas da modernidade e expressou, no conjunto da sua obra, “várias vozes” que destoavam dos discursos que receberam com entusiasmo as transformações urbanas. É imperioso sublinhar que o escritor, que frequentava os círculos intelectuais da cidade e que vivia no subúrbio, sentiu os impactos das mudanças urbanas e os seus efeitos discriminatórios.

Resende (1993) acentua os contrastes que marcaram a então capital da República e defende que a crônica foi um gênero literário muito valorizado pelo escritor, e inspirador para o tratamento de assuntos cotidianos da cidade. Belchior (2011), que discutiu, em trabalho pioneiro, a experiência de vida e intelectual de Lima Barreto nos subúrbios, almejou encontrar respostas no tocante à trajetória do escritor e relativamente ao modo como ele construiu representações e memórias específicas sobre a cidade do final do século XIX e limiar do século XX. As personagens presentes nas crônicas limianas, que transitavam em um espaço geográfico em franca mutação, exprimiam visões de um universo fragmentado típico de uma sociedade capitalista, que rompia os laços de solidariedades humanas e individualizava homens e mulheres, transformando-os em potencial mão de obra para o mercado. Simultaneamente, os “novos tempos” disseminavam no imaginário da cidade temas como progresso e civilização. Lima Barreto não recebeu bem as transformações urbanas e ainda assinalou a continuidade da velha tradição política, que se amparava no mandonismo político de raiz colonial.

A permanência do tradicional jogo político elitista, em pleno processo de modernização urbana, serviu para o controle das camadas populares e oprimidas, que se tornaram obstáculos para a execução das reformas urbanas. Carvalho (1994) afirma que as camadas populares foram associadas à desordem; portanto, uma ameaça ao novo regime republicano e aos novos emblemas que respaldavam as transformações urbanas do Rio.

3.2. A cidade nas crônicas limianas

O Rio de Janeiro foi, na verdade, o principal protagonista das crônicas do escritor aqui estudado. Ele estabeleceu com a cidade uma relação marcada pela admiração, e, posteriormente, de preocupação com o desenrolar do processo de modernização, que acabou por desfigurá-la. As representações acerca das intervenções urbanas sinalizam, de modo peremptório, a preocupação quanto aos equívocos cometidos por governantes, no que diz respeito à execução de obras públicas no Brasil. Dessa forma, como compreender, por intermédio das crônicas, as possíveis representações edificadas pelo autor sobre o processo de modernização urbana do Rio de Janeiro da Primeira República?

A resposta para a indagação acima requer a análise das crônicas redigidas por Lima Barreto a partir do final do século XIX. Todavia, em razão dos limites impostos por este tipo de trabalho, foram selecionadas seis crônicas, publicadas entre os anos de 1911 e 1921⁴. As crônicas deste período apresentam, de maneira mais direta, temas concernentes à modernização, bem como seus impactos sobre a população. Posto isso, a primeira crônica selecionada, “O convento”, publicada no Jornal *Gazeta da Tarde*, em 21 de julho de 1911, tem como tema central a derrubada de prédios históricos. O cronista critica a conduta de pessoas que, em nome de uma modernidade, apelavam para a construção de prédios novos e acabavam por ser coniventes com a destruição de prédios antigos que faziam parte da memória da cidade. Os nomes de Pereira Passos e Paulo de Frontin, engenheiros, protagonistas e defensores da modernização urbana, também são lembrados. O cronista convida o leitor para a seguinte reflexão:

Não sei bem que vantagens trarão tal coisa. Se, ao menos, fôssemos levantar ali um Louvre, um palácio dos Doges, alguma coisa de belo e grandioso arquitetonicamente, era de justificar todo contentamento que vai pelas almas dos estetas; mas, para substituí-lo por um hediondo edifício americano, enorme, pretensioso e pífilo, o embelezamento da cidade não há de ser de natureza altamente artística. Uma coisa vale a outra (BARRETO, 2004, p. 99).

Por mais que reconheça o valor histórico do prédio derrubado, o cronista ironicamente chama a atenção para o novo edifício, que não traria benefício e beleza para a cidade. Na parte final da crônica, há o reconhecimento do valor dos monumentos históricos como testemunhas

⁴ Por intermédio de Beatriz Resende e Rachel Valença, toda a crônica do escritor fluminense foi compilada em dois volumes: o primeiro reúne as que foram criadas entre 1890 e 1919, e o segundo comporta as que vieram a público entre 1919 e 1922.

da história de um povo, não obstante expressarem fatos abomináveis. O texto constrói argumentos que questionam uma concepção de modernização urbana dominante: eliminar construções que eram associadas ao Rio antigo e levantar edificações que se inspiravam em modelos arquitetônicos estrangeiros. Por derradeiro, há a constatação de que a derrubada de prédios antigos estava em conformidade com os interesses do capital especulador que paulatinamente alterava a fisionomia urbana da cidade.

A segunda crônica escolhida veio a lume no *Correio da Noite*, em 19 de janeiro de 1915. O texto, intitulado “As enchentes”, discute as ações do governo municipal sobre o espaço urbano da cidade. As causas e os problemas das enchentes, responsáveis por transtornar a vida dos cidadãos, sobretudo os de menor poder aquisitivo, não eram tratados como prioritários pelas administrações, que estavam mais ocupadas com as obras de remodelação urbana que beneficiavam no limite a burguesia fluminense e o capital especulativo imobiliário. Lima Barreto, em uma passagem do texto, faz o seguinte comentário: “O prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descuroou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio” (BARRETO, 2004, p. 159). O cronista alerta o leitor para as ações das administrações municipais, que se preocupavam mais com a parte estética do que com os problemas cruciais que afetavam o cotidiano de homens e mulheres. Desvela, ainda, os verdadeiros propósitos do processo de modernização urbana: priorizar grupos minoritários, grupos privados, entre os quais os que ganhavam com a especulação imobiliária, beneficiada com obras realizadas com dinheiro público. É interessante registrar que, ao referir-se ao prefeito Pereira Passos, o cronista favorece os estudiosos da Literatura, evidenciando uma percepção do processo histórico fluminense do final do século XIX aos primeiros anos do século XX, pautado pelas reformas urbanas.

No dia 15 de setembro de 1917, a crônica “Sobre a carestia”, terceira selecionada, publicada em *O Debate*, há referências a movimentos grevistas ocasionados pela escassez de alimentos. O autor lembra o público leitor do papel do capitalista, o especulador responsável pela falta de alimentos para a população mais pobre. Nas palavras do próprio cronista:

Nunca o Brasil a produziu tanto e nunca elas foram tão caras. O plantador, o operário agrícola continua a ganhar o mesmo; mas o consumidor as está pagando o dobro. Quem ganha? O capitalista. Ele e unicamente ele, porquanto fisco mesmo continua a receber o mesmo ou quase o mesmo antigamente (BARRETO, 2004, p. 285).

O poder público que patrocina a modernização urbana é o mesmo que permite aos grupos capitalistas especularem com preço dos alimentos consumidos pela população. As palavras ganância, cinismo e desfaçatez sugerem um cronista indignado com o poder público municipal, que alimenta e se beneficia igualmente das mudanças urbanas. Por isso, a crônica deixa transparente a associação entre os grupos capitalistas e o poder público municipal, em detrimento dos interesses da grande maioria da população.

A quarta a ser analisada, “O prefeito e o povo”, divulgada na revista *Careta*, em 15 de janeiro de 1921, teve como alvo o prefeito Carlos Sampaio, cuja administração ficou conhecida por demolir o morro do Castelo. Este foi arrasado definitivamente em 1922, com o apoio de setores da intelectualidade e da imprensa fluminense, que se fundamentavam em discursos que estavam em órbita de temas como a modernização e da higienização do espaço urbano. Dito isso, o cronista, em tom irônico, diz que Sampaio pode ser prefeito de outras cidades, menos da capital federal, que está dividida em duas cidades: “uma europeia e a outra indígena” (BARRETO, 2004, p. 294). Ele sublinha que, se de um lado o prefeito empreende esforços para melhorar e embelezar certas áreas urbanas, de outro, determinadas áreas são abandonadas à própria sorte. O prefeito, consoante o cronista, sonha com a seguinte cidade:

Todos os seus esforços tendem à educação do povo nas coisas de luxo e gozo. A cidade e os seus habitantes, ele quer catitas. É bom; mas a polícia é que vai ter mais trabalho. Não havendo dinheiro em todas as algibeiras, os furtos, os roubos de toda a natureza hão de se multiplicar, e, só assim, uma grande parte dos cariocas terá gimbo para custear os esmartismos sampaínos (BARRETO, 2004, p. 295).

O cronista, portanto, representa, mais uma vez, a visão administrativa dos prefeitos reformadores que atuaram no Rio, nos albores do regime republicano. Ele apela mais uma vez à ironia, para ilustrar a incapacidade dos prefeitos em proporem políticas públicas que poderiam ser executadas em benefício da sociedade. Estavam mais preocupados com a reprodução dos valores da *Belle Époque* francesa do que com as reais necessidades da população.

Em mais uma crônica publicada no ano de 1921, “Leitura de jornais”, põe em relevo a relação que envolve o embelezamento das cidades e as questões que estão em torno da higiene. Ele faz referência às cidades que fazem parte dos reinos asiáticos governados por tiranos, que erguem monumentos arquitetônicos suntuosos enquanto a maioria da população vive em plena miséria. Tal passagem é utilizada para explicar o esbanjamento dos recursos públicos na

construção de prédios e grandes avenidas, que enriqueceu a burguesia fluminense, portadora ainda de uma mentalidade arrivista. Segundo o cronista:

Com o advento da democracia nos países de origem europeia, especialmente no nosso, depois da proclamação da república, essa regra asiática tem sido mais ou menos obedecida, com o caráter cenográfico, que nos é próprio. Ainda há dias, lendo jornais desta cidade tive ocasião de verificar essa feição característica da nossa mentalidade administrativa (BARRETO, 2004, p. 337).

Mais uma vez, a escrita irônica é empregada para criticar a República brasileira, que prometeu a democracia e a cidadania, embora consolidasse o domínio oligárquico que avalizou o processo de modernização urbana excludente. Desta maneira, Lima Barreto constrói uma narrativa que promove a conexão entre as ações políticas republicanas e a modernização do espaço urbano fluminense.

As transformações urbanas, bem como suas repercussões nos subúrbios, constituem o assunto da crônica “A estação”, a sexta e última analisada. Foi publicada na *Gazeta de Notícias*, em 06 de outubro de 1921. O cronista vê como positiva a presença da ferrovia para o habitante do subúrbio. Ele destaca ainda a presença de cinemas e praças, lugares consagrados ao lazer dos moradores, bem como o bairro do Méier, representado como “o orgulho dos subúrbios e dos suburbanos” (BARRETO, 2004, p. 439). O autor reconhece que os deslocamentos das reformas do centro para as regiões suburbanas trouxeram melhorias para os seus habitantes. Logo, é interessante apontar que, se de um lado Lima Barreto foi um crítico rigoroso das transformações da cidade, de outro, ao apontar a presença de benefícios os subúrbios, ele mostra ao leitor que não foi tão refratário às reformas urbanas. Nas palavras do próprio cronista:

É o Méier o orgulho dos subúrbios e dos suburbanos. Tem confeitarias decentes, botequins frequentados, tem padarias que fabricam pães, estimados e procurados; em dois cinemas, um dos quais funciona em casa edificada adrede; tem um circo-teatro, tosco, mas tem; tem casas de jogo patenteadas e garantidas pela virtude, nunca posta em dúvida, do Estado, e tem boêmios um tanto de segunda mão; e outras perfeições urbanas, quer honestas, quer desonestas (BARRETO, 2004, p. 439).

Tal descrição revela um bairro do subúrbio que ainda sofreu efeitos das reformas urbanas, que se iniciaram no centro da cidade. A modernização dos subúrbios expressa um modelo de transformação urbana que é, na verdade, um desdobramento das ocorridas nas regiões centrais e nos bairros que se expandiram em razão da especulação financeira.

Por derradeiro, compete reafirmar a relevância e a eficácia da crônica para o resgate do cotidiano de homens e mulheres em tempos de transformações que marcaram o processo histórico fluminense, com repercussões visíveis até os dias atuais. As crônicas de Lima Barreto estimulam o leitor e o pesquisador a entrarem em contato com temas importantes e polêmicos do Brasil nos primeiros tempos da República.

FIGURA 2 -Carnaval de 1913. Carro Alegórico do Clube Democráticos. O Lima Barreto considerava o carnaval como o período marcado pela alegria e que representava a cultura popular do Rio de Janeiro.



Fonte: Foto Malta. MIS.

4 Conclusão

É pela linguagem que os homens representam o seu tempo. O escritor extrai do seu contexto histórico os subsídios para a criação do seu texto. A Literatura é uma das formas de representação da sociedade, sendo ainda portadora de “vozes” que expressam grupos e classes sociais.

A popularização da crônica no Brasil esteve vinculada ao processo de modernização da imprensa. O Rio de Janeiro, sede do governo central tanto no Império quanto na República, foi uma cidade beneficiada com o avanço da imprensa, e, por isso, talvez tenha sido o palco dos principais cronistas da época. As crônicas, portanto, constituem um meio importante para se revelar e refletir a respeito do processo literário e histórico da cidade, pois o escritor que muitas vezes transita de um lugar para o outro, captura a “coisa miúda”, ou seja, os acontecimentos banais, mas que desvelam aspectos relevantes da cidade.

As crônicas de Afonso Henriques de Lima Barreto captaram e reelaboraram literariamente fragmentos da realidade histórica do Rio. As inovações tecnológicas, a moda e os novos costumes da população fluminense estiverem presentes em suas crônicas. Tais escritos capturaram um cotidiano fragmentado e revelador do processo literário e histórico da cidade. As crônicas utilizadas são uma espécie de itinerário para o exame de temas e questões desencadeadas pelas transformações urbanas, e que afetaram o dia a dia dos habitantes da então capital federal. Logo, a construção de grandes avenidas, a especulação imobiliária e a carestia exemplificam o quanto o poder público beneficiava a burguesia em detrimento da maioria da população.

Referências

ABREU, Maurício de. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4.ed. Rio de Janeiro: IPP, 2008.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Impressões de leitura: crítica*. 2.ed. São Paulo: Crítica: Brasiliense, 1961.

_____. *Toda crônica*: Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BELCHIOR, Pedro. *Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória em Lima Barreto (1881-1922)*. 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

CANDIDO Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Maria Alice de. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 83-95, jan./jun., 2022

DE DECCA, Edgar. *O nascimento das fábricas*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (Coord.). Lima Barreto: a ousadia de sonhar. In: HOUAISS, Antonio; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (Coord.). *Lima Barreto: Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Scipione Cultural, 1997.

NEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: UFRJ; Campinas: UNICAMP, 1993.

ROCHA, Oswaldo Porto. *A Era das demolições: cidade do Rio de Janeiro 1870-1920*. 2.ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

SCHWARCZ, Lilia. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. Lima Barreto, a consciência sob assédio. In: HOUAISS, Antônio; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros. *Lima Barreto: Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Scipione Cultural, 1997.

VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: misógino ou feminista? Uma leitura de suas crônicas. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.